

Mudança do FMI é apenas 'retórica'

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O economista Paulo Nogueira Batista Jr., do Centro de Estudos Internacionais da Fundação Getúlio Vargas, disse ontem que é "cético" quanto a uma possível mudança de posição, do Fundo Monetário Internacional em relação aos países devedores, anunciada pelo subsecretário do Tesouro norte-americano, James Conrow. O economista disse que também não acredita no êxito das tentativas do Banco Mundial de assumir a liderança do processo de negociação da dívida, "porque os países que mandam em ambas as instituições não estão dispostos a afastar o FMI".

Nogueira Batista, que assessorou o ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, na negociação da dívida externa e na moratória, assinalou que existe um choque entre a retórica e a realidade imposta pelos credores. "Essa mudança de discurso do FMI e

do Tesouro dos EUA faz parte de diversas outras manifestações no mesmo sentido, ocorridas nos últimos meses", disse. "Mas estão longe de se transformar numa prática."

Segundo ele, a realidade é que os bancos credores estão retraídos, "não há canais de financiamento, os juros continuam altos e nessas condições é difícil falar em crescimento com equilíbrio". Para o economista, "a 'fossa' nacional impede que as pessoas vejam o que essa mudança de retórica traz de positivo à posição do Brasil. Esse discurso modificado deve-se justamente à postura que assumimos. Somos o único país devedor importante que correu o risco de questionar a atitude dos credores e o efeito é essa retórica que procura acomodar mais as coisas".

Para fundamentar sua posição quanto às dificuldades de uma mudança real de atitude do FMI, Nogueira Batista assinalou que o Brasil está longe do Fundo desde meados

de 1985. Nessa época, quando foi constituída a Comissão de Negociação da Dívida, da qual fez parte, realizou-se o último contato oficial com o FMI, quando seu representante, Thomas Reichman, esteve no Brasil. "O que vimos foi a postura tradicional de gerar superávits na balança comercial e também a recessão", disse Nogueira Batista.

Para o economista Antonio Barros de Castro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, as notícias sobre mudança de postura do FMI e avanço do Banco Mundial "parecem caracterizar uma reação com o estigma dos Bourbon: Fazer muito pouco, muito tarde". Segundo Barros de Castro, "o FMI e o Banco Mundial se encontram na absurda situação de receber um fluxo positivo de recursos de grande número de devedores. O mínimo que se pode esperar dessas instituições é a correção dessa situação verdadeiramente ridícula diante da gravidade da crise e das supostas funções das duas entidades".